

A “LIBERDADE” EM EPICURO E NIETZSCHE COMO CONDIÇÃO PARA A AFIRMAÇÃO DA VIDA

Bruno Camilo de Oliveira¹

Resumo

O objetivo deste trabalho é apresentar a analogia entre os pensamentos de Epicuro de Samos e Friedrich Nietzsche no que diz respeito à noção de “liberdade”. Em Epicuro a ideia de “liberdade” (*eleuthería*) é ligada a ideia de “afirmação de si” (*autárkeia*), uma vez que “liberdade” para Epicuro significa o “exercício da sabedoria” por meio da autonomia do “sábio” (*sophós, prhóneo*) quando este é livre para agir segundo o pensamento. De uma maneira similar, em Nietzsche a ideia de liberdade (*Freiheit*) é ligada a ideia de “afirmação da vida” (*Lebensbejahung*) – e “de si mesmo” – no agir, quando o “super homem” (*Übermensch*) se encontra acima do bem e do mal e ao ser capaz de criar e determinar seus próprios valores. A discussão sobre a liberdade, de acordo com o pensamento de Epicuro e Nietzsche, possibilita identificar a analogia entre ambos no que diz respeito a compreensão da importância da liberdade no agir filosófico, além de promover uma reflexão sobre o pensar e o agir no mundo.

Palavras-chave: Liberdade. Autarcia. Afirmção da vida. Epicuro. Nietzsche.

Abstract

The purpose of this work is to present the analogy between the thoughts of Epicurus de Samos and Friedrich Nietzsche regarding the notion of “freedom”. In Epicurus, the idea of “freedom” (*eleuthería*) is linked to the idea of “self-assertion” (*autárkeia*), since “freedom” for Epicurus means the “exercise of wisdom” through the autonomy of the “sage” (*sophós, prhóneo*) when it is free to act according to thought. In a similar way, in Nietzsche the idea of freedom (*Freiheit*) is linked to the idea of “affirming life” (*Lebensbejahung*) – and “of oneself” – in acting, when the “superman” (*Übermensch*) is above of good and evil and being able to create and determine their own values. The discussion about freedom, according to the thought of Epicurus and Nietzsche, makes it possible to identify the analogy between them regarding the

¹ Universidade Federal Rural do Semiárido. possui graduação em Filosofia (bacharelado) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2010), graduação em Filosofia (licenciatura) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012), mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (2018). Atualmente é professor adjunto, nível 2, da Universidade Federal do Semiárido.

understanding of the importance of freedom in philosophical action, in addition to promoting a reflection on thinking and acting in the world.

Keywords: Freedom. Autarchy. Life affirmation. Epicurus. Nietzsche.

Introdução:

O objetivo principal deste trabalho é realizar uma analogia entre as noções de “liberdade” conforme Epicuro de Samos (341-270 a.C.) e Friedrich Nietzsche (1844-1900). É possível identificar que em ambos a noção de liberdade parece ser utilizada para sustentar um mesmo tipo de atitude que, em Epicuro pode ser chamada de “autarcia” e, em Nietzsche, de “afirmação de si”, o que faz da liberdade uma condição necessária para a afirmação da vida em ambos.

Para tanto, em um primeiro momento, analisa-se a relação intrínseca entre a noção de liberdade (*eleuthería*) e a noção de sábio (*sophós*) em Epicuro, a partir das interpretações de suas cartas, máximas e sentenças, especialmente os trechos que podem ser consultados na obra de Diógenes Laértios intitulada **Vida e doutrinas dos filósofos ilustres**, de forma a ressaltar como a liberdade permite o exercício da sabedoria, uma condição fundamental para a ética epicúrea. Em um segundo momento, pretende-se apresentar o significado da noção de liberdade (*Freiheit*) no pensamento nietzschiano, sobretudo com base na interpretação de trechos selecionados das obras **A gaia ciência e Humano, demasiado humano**, assim como trechos da reunião dos textos escritos entre os anos de 1873 e 1874, intitulada **Considerações extemporâneas**, da reunião de textos de 1881 intitulada **O eterno retorno** e dos textos escritos entre 1884 e 1888 intitulados **O eterno retorno (a vontade de potência)**, de forma a apontar como a noção de liberdade em Nietzsche está intimamente ligada ao ponto fundamental de seu pensamento acerca da afirmação de si e da vida. Por fim, em um terceiro e último momento, pretende-se mostrar como em Epicuro e em Nietzsche é possível encontrar uma perspectiva similar acerca do indivíduo livre, que ele é livre porque tem o princípio de sua ação em si mesmo e, por isso, pode afirmar a si mesmo, criar seus próprios valores, calcular e planejar finalidades, ser senhor de si no uso de suas ações e, por fim, afirmar a vida.

A noção de liberdade (*Eleuthería*) em Epicuro

Em Epicuro, a noção de *eleuthería* ou *liberdade* pode ser encontrada quando ele busca interpretar a constituição da totalidade (*phýsis*),² na medida em que as estruturas corpóreas, que compõem toda a realidade, precisam de condições favoráveis ou de certa liberdade para estarem interligadas, com base em alguns princípios atomistas de Leucipo de Abdera (ca. séc. V a.C.) e Demócrito de Abdera (ca. 460-370 a.C.).³ Nesse quesito, Epicuro considera a liberdade ao pensar sobre a dinâmica estrutural dos átomos na formação das coisas, mais especificamente ao refletir sobre a necessidade e o acaso, quando considera ser o movimento do átomo um processo espontâneo e livre (LENGRAND, 1906). Contudo, além dessa reflexão epicúrea, que considera a noção de liberdade para explicar a dinâmica formativa das estruturas atômicas, também é possível encontrar em Epicuro uma outra reflexão sobre a noção de liberdade, especificamente no que diz respeito as escolhas do *sophós* – isto é, o sábio – em busca da felicidade. Nesse sentido, a noção de liberdade é utilizada para explicar a atitude do sábio que determina a partir de si mesmo “o que deve ser escolhido e o que deve ser rejeitado no processo de busca pela felicidade” (MAFFEZZOLLI, 2010, p. 58). É exatamente nesse aspecto que aqui propõe-se um estudo sobre a noção de *liberdade* em Epicuro, buscando enfatizar como ela está fundamentalmente ligada à sua ética.⁴ Tal estudo mostra-se necessário para

² A tradução mais comum para o português do termo grego *phýsis* refere à *natureza*. Entretanto, o sentido de *natureza* aparenta ser insatisfatório para traduzir o real significado que o termo grego propõe apresentar. Para o grego antigo, *phýsis* pode ser: o processo de nascimento, surgimento e crescimento, em um sentido derivado do verbo *phýomai*; uma disposição espontânea ou natureza própria de um ser; e força responsável pelo surgimento, transformação e perecimento de todos os seres. No português, o termo “natureza” parece não ser adequado para comunicar toda essa gama de significados que a expressão *phýsis* parece conotar. Além disso, a expressão *natureza* parece indicar uma realidade eminentemente física e sensível, desconsiderando o espaço e o vazio. Porém, para os gregos antigos, inclusive Epicuro, *phýsis* representa tudo, isto é, não apenas o que é corpóreo e sensível, mas também o vazio, o espaço, o tempo, os deuses, a alma, as leis naturais, o raciocínio etc. – tudo o que existe é *phýsis*. Assim, para evitar a dificuldade que o termo *natureza* parece apresentar para a tradução do que é a *phýsis*, aqui optou-se por utilizar a noção de *totalidade* para se referir ao termo *phýsis*. Para maiores detalhes sobre o significado do termo *phýsis*, bem como sobre a dificuldade do termo *natureza* traduzir satisfatoriamente o significado de *phýsis*, ver Chauí (1994).

³ Segundo o atomismo elaborado por Leucipo e Demócrito, os átomos são partículas minúsculas, eternas e indivisíveis que, através de forças naturais se atraem ou se afastam em um vazio infinito de maneira a formarem toda a matéria existente e, conseqüentemente, o nascimento e o perecimento de todos os seres. Epicuro foi fortemente influenciado pelo atomismo de Leucipo e Demócrito, apesar de apresentar algumas diferenças. Talvez a principal delas diz respeito à rejeição de Epicuro da ideia de que todas as coisas se formam por acaso ao se chocarem em uma espécie de “turbilhão de átomos”. Para mais detalhes sobre o atomismo de Demócrito e Leucipo ver Chauí (1994) e Taylor (1999).

⁴ Partindo da noção de que *êthos* significa caráter, maneira de ser ou disposição natural de uma pessoa, pode-se dizer que o *êthos* é tratado pela *ética*, isto é, a ciência (*epistéme*) que investiga a causa das ações e paixões humanas de acordo a índole ou caráter natural dos seres humanos. Contudo, em Epicuro a ética é a realização prática do conhecimento que o sábio possui sobre a *phýsis*, uma vez que esse conhecimento vai fundamentar o modo de vida do sábio, cuja finalidade *ética* é a conquista da felicidade. Para maiores detalhes sobre o sentido ético atribuído por Epicuro à filosofia enquanto saber para a vida ver Silva (2003) e Landázuri (2015).

que, nas seções seguintes, seja possível entender a analogia entre esse aspecto da ética epicúrea e a noção de liberdade no pensamento nietzschiano.

Para Epicuro, a *physiología* – isto é, o estudo epistêmico sobre a *phýsis* – é uma condição fundamental para uma vida feliz. O motivo é que somente após o esclarecimento sobre o que é a *phýsis* é que o ser humano conquista o discernimento para se livrar das necessidades imaginárias ou inexistentes, típicas do senso comum e da ignorância, e traçar, a partir de si mesmo, o seu próprio caminho em busca da felicidade. Na ética epicúrea o ser humano necessita se livrar do senso comum e das necessidades mundanas e não essenciais para que ele próprio possa se encontrar livre para alcançar a sua felicidade conforme o seu *êthos*.

Portanto, a relação entre a *physiología* e a ética em Epicuro é marcada pelo *katá phýsin* – ou seja, o agir de acordo com a *phýsis*, que também pode ser traduzido por ação sábia ou ainda exercício da sabedoria –, uma vez que o agir é determinado pelo conteúdo filosófico sobre a *phýsis* e cujo conteúdo tem como função servir para a vida, para o mundo prático e humano. Por esse motivo Epicuro está convencido que o acaso não atinge o sábio porque, uma vez possuindo o conhecimento sobre a *phýsis*, conhece também a si mesmo, tornando-se, em seguida, senhor de si, uma vez que tem suas ações planejadas ou calculadas de acordo com o seu *êthos*. Isso significa que o *physiologói* – isto é, o físico ou aquele que estuda a *phýsis* –, sendo sábio, põe a si mesmo como utilidade última de sua ação.

É nesse sentido que cabe, no pensamento epicúreo, um estudo sobre o significado de *autárkeia* – isto é, autarcia.⁵ *Autárkeia* comporta às noções fundamentais de *arkhé*⁶ enquanto “princípio e governo” e de *tò auto* que alude a “partir de si mesmo”. Autarcia, portanto, é uma qualidade de alguém que basta a si mesmo, isto é, de alguém que tem a si mesmo como princípio ou causa de sua ação e que possui o governo de si mesmo. Para

⁵ A expressão é composta de *autós* (eu mesmo, este mesmo, por si mesmo, de si mesmo) e *arkéo* (governo de si, ser suficiente), sendo *autárkeia* a própria suficiência de si ou independência para existir, agir e julgar, a auto-suficiência (cf. SPINELLI, 2009). Segundo Chauí (1994, p. 344) a *autárkeia* é o ideal mais alto da ética e da política porque significa liberdade, isto é, “é livre quem encontra em si mesmo o princípio de sua existência e de sua ação e possui por si mesmo o poder para agir e julgar”. Da mesma forma, alguns tradutores das obras de Epicuro traduzem *autárkeia* por “independência” (CONCHE, 1977, p. 221) e “bastar-se a si mesmo” (SALEM, 1982, p. 78).

⁶ Ao se traduzir o termo *arkhé* para o português, inevitavelmente deve-se considerar duas noções fundamentais: aquilo que está à frente e por isso é o princípio de tudo; e aquilo que, por ter estado presente no início de tudo é, também, presente no desenvolvimento de tudo, como governo, na medida em que continua presente e no comando de tudo. Assim, de acordo com essa última noção do termo pode-se dizer que em *autárkeia* temos, além da noção de princípio, a noção de governo.

Epicuro o sábio é autárquico porque toma a si mesmo como próprio sentido e governo de sua ação.

Por isso a ação do sábio é prazerosa, diz Epicuro, já que comunica a realização plena de sua própria vida. O sábio encontra-se em um estado de satisfação e prazer porque além de afirmar o seu *êthos*, se sente inteiramente conectado à *phýsis* ao agir, possui discernimento necessário para prever situações e evitar o indesejável. O conhecimento que possui sobre a *phýsis* lhe permite conquistar as condições necessárias para buscar a manutenção de uma vida equilibrada, equilíbrio esse dado pela natureza própria ou *êthos* de cada um, restando ao sábio descobrir a sua, mediante o controle dos desejos. Dessa forma, o sábio deve ser livre e existir para a vida no mundo de acordo com o seu conhecimento sobre a *phýsis* e, conseqüentemente, sobre si mesmo.

O sábio é aquele que age sempre a partir do seu poder de escolha e rejeição, e, jamais, de sujeição. Sua referência única é a compreensão dos limites e das possibilidades da natureza-realidade na qual vive e exercita-se na realização de uma vida aprazível, em cada ato ou deliberação que dele dependa. Fundando o *êthos* na *phýsis*, ou fazendo que ele derive da *physiología*, o *sophós* legitima a *autárkeia* como condição para pensar a ética fora do domínio público. Com isso, ele intenta resgatar antigos princípios presentes na natureza para desapropriá-los das convenções estabelecidas e então vivenciá-los no espaço e no tempo que são seus e daqueles que lhes são afins (*phíloi*) (SILVA, 2003, p. 87-88, grifo do autor).

É exatamente quando o sábio se realiza no exercício de sua sabedoria que se pode compreender o sentido da ética epicúrea e o lugar da liberdade em tal ética. Pois, se em Epicuro o sábio é capaz de determinar uma finalidade prática de acordo com o conhecimento que ele possui sobre a *phýsis* e si mesmo, é compreensível que essa capacidade está ligada a liberdade dele considerar o que vem a ser o seu equilíbrio como sentido para a vida, sentido que é conquistado pela *physiología* e pela afirmação de seu *êthos*. Com base nisso pode-se entender o papel da *physiología* para compreender o modo de vida ou o exercício da sabedoria. Assim, diz Epicuro:

Às vezes consideramos a auto-suficiência um grande bem, não porque em todos os casos devemos contentar-nos com pouco, mas para que se não tivermos o muito nos contentemos com o pouco, sinceramente persuadidos de que quanto maior a moderação com que se goza a abundância, tanto menor a necessidade dela, e de que todo desejo conforme a natureza pode ser facilmente satisfeito, ao passo que todo desejo vão é difícil de satisfazer. Uma dieta simples proporciona um prazer análogo ao de uma mesa suntuosa, desde que se elimine o sofrimento provocado pela necessidade (LAËRTIOS, 2008, p. 313).⁷

⁷ Esse trecho, de autoria de Epicuro e traduzido por Laértios, é retirado de uma das cartas de Epicuro enviadas a Meneceu.

É importante ressaltar ainda que o sábio é autossuficiente porque se contenta ou se satisfaz de maneira natural com a existência e a vida. Como possui o discernimento para entender o que realmente importa e o que não, de acordo com o conhecimento que possui sobre a *phýsis* e sobre si mesmo, o sábio é livre e se satisfaz apenas com a sua existência. Por sua vez, o ignorante, que não possui o conhecimento sobre a *phýsis* e si mesmo, não é livre e, ao não tomar a si mesmo como seu próprio sentido e finalidade, acaba por projetar a finalidade da sua vida nos prazeres que extrapolam às necessidades de sua própria natureza ou *êthos*. Em outras palavras, como o ignorante não possui *physiología*, mas *kénon doxái* – isto é, opiniões vazias – ele projeta a finalidade prática de sua própria vida para além dela, e age de acordo com aquilo que realmente é desnecessário a si, que nada tem a ver com o seu *êthos*. Dessa forma, o ignorante facilmente cria problemas que não existem, se engana, sofre, tem dificuldades para viver. De maneira oposta, como possui *physiología*, o sábio entende que a abundância não é necessária a si e que a busca por ela é decorrente de um desejo que não vem de sua natureza íntima, mas de necessidades impostas de fora, para si. Por isso o desejo do sábio é autossuficiente e também mais fácil de ser satisfeito, uma vez que é conforme a sua própria natureza, ao passo que o desejo do ignorante é “vão” e difícil de ser satisfeito, pois é conforme às necessidades externas a si. É nesse sentido que Epicuro reconhece na maneira como o sábio compreende a *phýsis* o parâmetro que norteará uma vida prática livre e sábia, isto é, a ação do sábio deve ser fundamentada em desejos naturais e necessários segundo o seu *êthos*, “já que agindo de acordo com a natureza, onde o trânsito é imediato, torna-se possível ao *sophós* evitar desafetos que quase sempre forcem a sua reação, ou o seu desequilíbrio [...] A filosofia é, para Epicuro, o ‘antídoto’ para essas opiniões [*kénon doxái*] e, por isso mesmo, a efetivação da *autárkeia*” (SILVA, 2003, p. 86-87, grifo do autor). De acordo com o seu conhecimento sobre a *phýsis* ele é capaz de escolher ser livre ao agir. Assim, diz Epicuro, “raramente a sorte prejudica um homem sábio, pois as coisas principais e fundamentais sempre foram governadas pela razão, e por todo o curso da vida a razão as governa e governará” (LAËRTIOS, 2008, p. 317).⁸

[...] A *autárkeia* expressa uma condição de vida no mundo, em que o conjunto das ações tende naturalmente à repleção e, portanto, ao equilíbrio. Viver em equilíbrio, por sua vez, não depende senão do modo como o homem vivencia a sua situação real de existir independente de qualquer outro “poder” que transcenda a sua *dýnamis* de ação, desde que esse “poder” possa ser permitido e evitado. A *autárkeia* é a expressão da vida tornada independente das

⁸ Esse trecho de Epicuro, traduzido por Laértios, é retirado das **Máximas principais**, especificamente a máxima XVI.

necessidades que a negam e a fazem re-agir ou sofrer (SILVA, 2003, p. 86, grifo do autor).

Segundo Epicuro, além da *physiología*, da *autárkeia* e da *eleuthería*, o *sophós* também deve possuir *phrónesis* – isto é, sensatez –, para que a autarcia e a liberdade sejam resguardadas. Isso porque segundo Epicuro a *phrónesis* é o que determina uma ação segundo um cálculo ou planejamento, sendo ela o produto do *logísmos* – isto é, o raciocínio, o pensamento calculador – que determina uma ação no mundo. Em outras palavras, a *phrónesis* é para Epicuro “o que dá ao homem a clareza necessária para expor o sentido da sua ação no mundo, a partir da compreensão que tem de si mesmo e da maneira mais conveniente de agir” (SILVA, 2003, p. 72). Dessa forma, o sábio para Epicuro é o *sophós próneo*, aquele que é livre e sensato quando age, porque toma a si mesmo como fim, através do exercício da autarcia, para definir por si mesmo a realização prática dos seus desejos naturais e necessários.

Por buscar o controle sobre os desejos, alguns comentadores de Epicuro, como Bruno (2007) e Miranda (2018), acabam classificando o epicurismo como uma forma de *phármakon* – isto é, uma atividade medicinal ou curativa. Pois, como possui o discernimento sobre o que é e o que não necessário, e a liberdade para decidir sobre suas próprias escolhas, com base em suas próprias necessidades naturais, o sábio, no sentido epicúreo, promove um tipo de saber fármaco, cuja cura fundamental é possibilitar ao ser humano a *autárkeia*. Nesse sentido, o *sophós* terá atribuição de médico, enquanto que o ignorante a de paciente, que necessita da ajuda do sábio para se tornar autárquico. Assim, o sábio terá sua conduta prática voltada para a afirmação de si, pela liberdade e pela autarcia, em busca daquilo que se pode chamar de *ataraxía* – ou seja, tranquilidade da alma –, a libertação de todos os temores e a conquista da calma a partir do conhecimento sobre a *phýsis* (cf. DIOGO, 2017).

A noção de liberdade (*Freiheit*) em Nietzsche

Antes de tudo, é importante mencionar que a menção a Epicuro aparece diversas vezes nos escritos nietzschianos.⁹ Em alguns momentos, especificamente na fase inicial

⁹ Segundo uma pesquisa realizada por Brobjer (1995), a qual se propôs apresentar uma tabela com os resultados de um levantamento sobre todas as menções de Nietzsche a grandes expoentes do pensamento ocidental, o nome de Epicuro aparece em terceiro lugar como o filósofo da antiguidade mais mencionado, à frente inclusive de filósofos como Heráclito, Parmênides e Demócrito, e atrás apenas de Platão e Sócrates. Esse dado estatístico não é capaz de mostrar, de maneira conclusiva, que Epicuro de fato exerceu uma grande influência no pensamento nietzscheano ou que Nietzsche concorda com tudo o que representa o pensamento epicúreo, mas que Epicuro foi de fato objeto de interesse nas reflexões nietzscheanas, principalmente na notável semelhança entre o lugar da liberdade no pensamento de ambos, conforme se pretende mostrar neste trabalho.

dos escritos de Nietzsche, como no primeiro volume de **Humano, demasiado humano**, é possível encontrar Nietzsche concordando com Epicuro no que diz respeito a característica terapeuta da ideia de *phármakon*, enquanto é pensada por ambos como uma “prescrição de um modo específico de vida” (SANTOS, 2012, p. 59). Não obstante, em uma fase mais madura do pensamento nietzschiano, como é o caso do segundo volume de **Humano, demasiado humano**, é possível identificar não um elogio, mas uma rejeição de Nietzsche ao pensamento epicúreo, sobretudo no que diz respeito a acusação de Nietzsche de que o pensamento epicúreo trata-se de uma espécie de romantismo bastante próximo ao pensamento cristão.¹⁰ Entretanto, aqui, interessa apenas considerar o ponto de convergência entre o pensamento de ambos, no que diz respeito à noção de “liberdade”, deixando o estudo sobre as diferenças entre ambos para uma outra oportunidade.

No que diz respeito às semelhanças, especialmente aos impulsos cognitivos, segundo a perspectiva nietzscheana, esses também devem ser direcionados a afirmação da vida (*Lebensbejahung*) que, para Nietzsche, também assume um significado pragmático: se libertar das amarras do outro e garantir para si autonomia – a mesma autonomia divulgada como algo desejável entre os epicuristas. Pois, quando Epicuro, em sua carta enviada a Meneceu, diz que “convém então discriminar todas essas coisas com o cálculo daquilo que é útil e a ponderação daquilo que é prejudicial” e que é preciso, nesse sentido, considerar a “auto-suficiência um grande bem” (LAËRTIOS, 2008, p. 313), parece ser algo parecido com o que diz Nietzsche, ao dizer que “o caminho ainda é longo [...] até aquela *madura* liberdade do espírito que é também autodomínio e disciplina do coração e permite os caminhos para muitos e opostos modos de pensar” (NIEZTSCHÉ, 1999c, p. 66, grifo do autor). Em outras palavras, ambos parecem alertar para a falta de “auto-suficiência” ou de “autodomínio” no tratamento das questões da vida, alerta esse que pode ser encontrado tanto por trás do discurso de isolamento que caracteriza, para escola epicurista, a assepsia do modo de vida livre no jardim, quanto no discurso de

¹⁰ Segundo Nietzsche (1999a, p. 245-246) o “romantismo”, que pode ser encontrado na filosofia de Schopenhauer e na música de Wagner, é uma “necessidade” para aqueles “que sofrem de um empobrecimento da vida” e que buscam respostas aos seus anseios na filosofia e na arte. O que esses sofrendores necessitam na filosofia e na arte é de otimismo, isto é, da “lógica” e “inteligibilidade abstrata da existência – porque a lógica tranquiliza e dá confiança” –, assim como da “calma”, do “silêncio”, de “bondade” e “de um Deus que seria particularmente um Deus dos doentes”, um “salvador”. Nietzsche argumenta que gradativamente aprendeu “a compreender Epicuro como o oposto de um pessimista dionisiaco [isto é, um otimista], como o ‘cristão’ que, de fato, não passa de um aspecto de epicureu e, como este, essencialmente romântico” (NIEZTSCHÉ, 1999a, p. 246). Assim, em uma fase mais madura de sua vida, Nietzsche se afasta completamente do que é “epicureu”.

isolamento que caracteriza, na perspectiva de Nietzsche, a assepsia do espírito livre, ao se isolar do que é baixo e decadente.

No caso de Nietzsche, para compreender a sua perspectiva sobre a noção de *Freiheit* – isto é, liberdade – é preciso compreender também outras duas noções que estão diretamente associadas, de acordo com a explicação sobre a constituição do mundo, a saber: a noção de *Notwendigkeit* – que significa necessidade – e a noção de *Wille zur Macht* – que significa vontade de poder ou vontade de potência.¹¹

Em Nietzsche, a noção de *necessidade* ou *necessário* não se refere ao sentido de *necessidade premente* – em alemão, *Notdurft* –, isto é, quando se diz que uma coisa possui *necessidades fisiológicas* ou precisa *fazer necessidades*, nem tampouco ao sentido de *carência* ou *indigência* – em alemão *nötig* –, quando se diz que uma coisa é indigente ou carente de uma outra ou que *passa necessidade*, mas ao sentido de *necessidade lógica* ou *necessidade transcendental* – isto é, *Notwendigkeit* –, como algo que é natural e que, portanto, deve necessariamente ocorrer. Para Nietzsche, no que diz respeito a realidade natural, tudo se relaciona por meio de uma dinâmica caótica e casuística, que não pode ser de outro jeito, sendo necessário que seja assim. Não obstante, é importante ressaltar que não se trata de dizer que segundo Nietzsche existem “leis na natureza” ou uma teleologia que determina o fluxo natural das coisas, mas que somente existem “necessidades” casuísticas e caóticas, uma vez que na natureza “não há ninguém que mande, ninguém que obedeça, ninguém que transgrida. Se sabes que não há fins, sabeis também que não há acaso: pois somente ao lado de um mundo de fins a palavra ‘acaso’ tem um sentido” (NIETZSCHE, 1999a, p. 184). Assim, é necessário que as coisas ocorram da maneira como ocorrem, sem lamentações, sem determinações nomológicas e teleológicas. Por necessidade, a natureza segue um percurso próprio, que nada tem a ver com alguma escolha racional, teleológica e controladora. Assim, natureza, portanto, é *Notwendigkeit*. Não existe na perspectiva nietzschiana um fluxo pré-determinado – a necessidade na natureza não requer a aceitação de um determinismo ou destino, como se

¹¹ A tradução para o português do termo alemão *Macht* pode variar tanto para *poder* quanto para *potência*. Alguns interpretes, como Müller-Lauter (1997) e Giacoia Junior (2018), preferem traduzir o termo alemão como *poder* com o argumento de que dessa forma seja possível se referir a muitas vontades de poder, de todo modo organizadas em unidade. Outros, como Marton (1990) e Barrenechea (2020, p. 102, grifo do autor), argumentam que a tradução correta para o português, do termo alemão, deve ser *potência*, uma vez que “tem um sentido mais abrangente (há potência no homem, nos animais e até no âmbito inorgânico), já que a noção de *poder* alude mais especificamente à esfera humana: poder militar, econômico e outros”. Assim, é importante que o estudante do pensamento nietzscheano esteja ciente da ambiguidade, no português, que o termo alemão apresenta, para poder interpretar as passagens nietzscheanas em que o termo é utilizado.

as coisas seguissem um rumo ordenado. Não há fins ou destino a se cumprir. Tudo se move em um fluxo necessário, mas de uma maneira caótica e não determinada.

Acreditemos na absoluta necessidade do todo, mas guardemo-nos de afirmar de qualquer lei, mesmo que seja uma lei primitivamente mecânica de nossa experiência, que esta reine nele e seja uma propriedade eterna. – *Todas* as qualidades químicas podem ter vindo a ser e perecer e retornar [...] O “caos do todo” como exclusão de toda atividade finalista não está em contradição com o pensamento do curso circular: este último é justamente uma necessidade irracional, sem qualquer consideração formal, ética, estética. O arbítrio falta, no mínimo e no inteiro (NIETZSCHE, 1999e, p. 441, grifo do autor).

Para Nietzsche é exatamente a indeterminação do caos que vai significar a forma como as coisas vêm a ser o que são. Com base nessa perspectiva, Nietzsche rejeita a religião, a moral, os conceitos e a verdade metafísica. Não são verdades ou determinismos que regem o mundo e a vida humana, mas o acaso e o caos característicos da necessidade. A religião, a moral e a verdade metafísica negam o acaso e o caos – negam, também, qualquer possibilidade para haver liberdade.

Nós, porém, *queremos tornar-nos aqueles que somos* – os novos, os únicos, os incomparáveis, os legisladores de si mesmos, os criadores de si mesmos! E para isso temos de tornar-nos os melhores aprendizes e descobridores de tudo o que é legal e necessário no mundo: “temos de ser *físicos*, para podermos ser, nesse sentido, *criadores* – enquanto até agora todas as estimativas de valor e ideais foram edificados sobre o *desconhecimento* da física ou em contradição com ela. E, por isso: Viva a física! E viva mais ainda aquilo que nos *força* a ela – nossa lealdade! (NIETZSCHE, 1999a, p. 192, grifo do autor).

Aquelas mãos de ferro da necessidade, que sacodem o tabuleiro de dados do acaso, jogam seu jogo por um tempo infinito: *têm de* aparecer nele dados que parecem perfeitamente semelhantes à finalidade e racionalidade de todo grau. *Talvez* nossos atos de vontade, nossos fins, não sejam nada outro do que precisamente tais dados – e simplesmente somos limitados e vaidosos demais para conceber nossa extrema limitação: a saber, a de que nós próprios, com mãos de ferro, sacudimos o tabuleiro de dados, que nós próprios, em nossas ações mais propositais, nada mais fazemos do que jogar o jogo da necessidade (NIETZSCHE, 1999c, p. 153-154, grifo do autor)

Freiheit, portanto, não significa na perspectiva nietzschiana *liberdade de escolha*, mas *possibilidade pare ser livre em seguir o curso natural e necessário de si mesmo e do mundo*. O devir nunca deixará de atuar e não é possível freá-lo, uma vez que se trata de um processo necessário. Dessa forma, o animal inteligente deve ser livre para reconhecer a necessidade do devir e afirmá-la. A necessidade não pode ser controlada por quem age, não há, pois, como a subjetividade definir o que é uma ação correta e boa e o que é uma ação errada e má, já que qualquer forma de julgamento e de valoração é decorrente da vontade humana de definir e controlar um sistema imprevisível, por meio de valores morais ou conceitos. Em outras palavras, o devir natural das coisas segue um percurso incontrolável, sem sentido no ponto de vista subjetivo, e de nada adianta reduzir esse percurso à conceitos cristalizados ou valores que fundamentam condutas morais. Para

Nietzsche, portanto, a liberdade somente pode ser reconhecida quando é possível dizer que o indivíduo é livre para afirmar e seguir o fluxo natural do mundo de acordo com a *necessidade*.

Quando a vida prática não é desenvolvida de acordo com a *necessidade*, mas de acordo com um cálculo racional, teleológico, valorativo e arbitrário, não há, portanto, liberdade para Nietzsche. É dessa maneira que Nietzsche considera a união entre a necessidade, o caos e o acaso para refutar o determinismo religioso e o racional. Segundo essa perspectiva, os humanos em geral tentaram ser maiores do que a própria natureza ao construir fantasias como deuses e verdades metafísicas para negarem o caos e o acaso da necessidade natural e, além disso, para justificarem seus atos, em busca de recompensas. Cabe aos “novos filósofos”, diz Nietzsche, desmascarar e destruir as determinações religiosas e metafísicas, isto é, destruir qualquer tipo de “propensão” à transcendência intelectual em nome de uma proteção divina ou de uma salvação para as ações praticadas ou de certezas metafísicas (NIETZSCHE, 1999b, p. 304). A ideia é a de que “temos de ser físicos, para podermos ser, nesse sentido, criadores”. Ser físico, aqui, significa rejeitar as questões e finalidades transcendentais, metafísicas, em um processo que requer obrigatoriamente uma crítica à noção moderna de subjetividade. Pois, liberdade em Nietzsche é não atuar “racionalmente sobre a vontade”, mas deixar que o “acaso” direcione “o percurso do destino (as mãos férreas da necessidade jogam os dados lançados)” (SILVA, 2020, p. 210). A subjetividade moderna, ao contrário, busca controlar a necessidade e tornar previsível aquilo que é imprevisível. Por isso, em Nietzsche, ser livre é fundamentar o querer e o agir humano de forma inocente e desmedida (sem o controle racional), de acordo com o fluxo da necessidade. Os chamados “espíritos livres” (NIETZSCHE, 1999c, p. 64) são aqueles que efetivamente conseguiram se libertar das amarras que impedem o seguimento do próprio fluxo necessário da vida.

A liberdade no sentido nietzschiano é correspondente ao fluxo necessário da natureza, ao passo que a falta de liberdade é correspondente às tentativas de controle do indivíduo com base em padrões morais e racionais. A perspectiva nietzschiana sobre o corpo o avigora a considerar que tanto a natureza quanto a liberdade fogem do controle racional. Dessa forma, a negação e o não conhecimento sobre o corpo representam uma negação e uma falta de conhecimento sobre a natureza e a liberdade.

É importante ressaltar ainda que em oposição a ideia de um *eu* abstrato e isolado do mundo objetivo, Nietzsche interpreta a mente e o mundo como elementos mutuamente

dependentes e que se entrelaçam em um mesmo sistema chamado “corpo”. Assim, o *Selbst* – que pode ser traduzido por *si mesmo* – é entendido em Nietzsche como sistema dinâmico entre o corpo e o mundo, na medida em que o conceito de si mesmo necessariamente requer “colocar-se-em-relação-de-si-para-si”, pois “o si mesmo suprime em si a autorreferencialidade abstrata do eu” (STEGMAIER, 2013, p. 44), o que é diferente de um *Selbst* abstrato e totalmente separado do mundo exterior.

O inconsciente travestimento de necessidades fisiológicas sob os mantos do objetivo, do ideal, do puramente-espiritual, chega até o aterrorizante – e com bastante frequência eu me perguntei se, calculando por alto, a filosofia até agora não foi em geral somente uma interpretação do corpo e um *mal-entendido sobre o corpo*. Por trás dos mais altos juízos de valor, pelos quais até agora a história do pensamento foi guiada, estão escondidos mal-entendidos sobre a índole corporal, seja de indivíduos, seja de classes, ou de raças inteiras. Todos aqueles ousados disparates da metafísica, em particular suas respostas à pergunta pelo *valor* da existência, podem-se considerá-los sempre, em primeiro lugar, como sintomas de determinados corpos; e se essa espécie de afirmação do mundo ou negação do mundo, em bloco e a granel, cientificamente medidas, não são habitadas por um grão de significação, dão no entanto ao historiador e ao psicólogo pistas tanto mais valiosas, como sintomas, como foi dito, do corpo, de seu acerto ou desacerto, de sua plenitude, potencialidade, autodomínio na história, ou então de suas obstruções, cansaços, empobrecimentos, de seu pressentimento do fim, de sua vontade de fim (NIETZSCHE, 1999a, p. 174, grifo do autor).

Se existe alguma possibilidade de consciência em Nietzsche, então essa consciência não pode ser distinta do corpo, mas deve formar uma unidade com o próprio corpo, de modo que afirmar o corpo – ou a vida – possa se tornar também uma ação consciente. Não há, portanto, a possibilidade de afirmar a existência de duas entidades distintas, como se de um lado houvesse o mundo regido por leis rígidas capazes de determinar a necessidade e, de outro, um *eu* que, pela vontade, foge a qualquer determinação de leis ou forças naturais. Tudo participa de um mesmo processo *necessário*. O humano é fundamentalmente natureza – assim como a natureza é fundamentalmente necessidade –, o que requer liberdade para o acaso e o caos – também o humano deve partilhar dessa mesma necessidade repleta de liberdade para o acaso e caos, uma vez que o humano é parte do mundo e não é separado das forças que atuam sobre o mundo. É nesse sentido que para Nietzsche não existe a possibilidade de afirmar a existência de uma entidade ou identidade substancialmente diferente do mundo chamada de consciência, como uma base permanente ou essência de um eu.

A inteira atitude “homem contra mundo” [...] nos veio à consciência como tal, e nos ofende –, e já rimos quando encontramos “homem e mundo” colocados lado a lado, separados pela sublime pretensão da palavrinha “e”! Mas como? [...] caímos, justamente com isso, na suspeita de uma oposição, de uma oposição entre o mundo em que até agora nos sentíamos em casa com nossas venerações – em virtude das quais, talvez, *tolerávamos* viver – e um outro

mundo, *que somos nós próprios* [...] (NIETZSCHE, 1999a, p. 199, grifo do autor).

Ora, segundo Nietzsche, compreender que o corpo forma uma unidade com a consciência é compreender que existem forças que fogem do controle racional e que agem segundo a necessidade, como se não houvesse nem corpo nem consciência capazes de determinar algum controle. Tais forças são reduzidas em Nietzsche a aquilo que ele chama de *Wille zur Macht*, na medida em que “homem e mundo formam parte do mesmo processo do desenrolar da vontade de potência” (BARRENECHEA, 2020, p. 102). Assim, escreve Nietzsche, “*esse mundo é a vontade de potência – e nada além disso!* E também vós próprios sois essa vontade de potência – e nada além disso! (NIETZSCHE, 1999d, p. 450, grifo do autor). Ou seja, tanto o humano quanto o mundo natural são vontade de potência, e nada mais além disso. É nesse aspecto que Nietzsche considera ser a vontade de potência uma espécie de força natural que pode ser considerada atuante em todos os seres e no mundo natural em geral.

Assim, a *Wille zur Macht* não deve ser entendida como uma entidade precedente às forças, como se fosse uma causa implícita, ou como uma entidade transcendente às forças, como se fosse uma finalidade última, mas como o próprio processo dinâmico de efetivação e interação das forças naturais na constituição dos corpos (cf. BARRENECHEA, 2017). Todavia, a noção de *Wille zur Macht* não deve ser entendida como uma noção antropomórfica arbitrariamente construída para reduzir um aspecto do mundo natural a um conceito antropomórfico, teleológico e nomológico. Qualquer tipo de tentativa humana de impor uma regularidade a qualquer aspecto da natureza, isto é, a aquilo que é irregular e caótico, é uma imposição infundada para Nietzsche, exatamente por representar falta de liberdade para seguir o fluxo natural da vida.

Assim, o caos e o acaso, característicos do fluxo da necessidade, são, para Nietzsche, o resultado da vontade de potência, que é determinada, segundo a especificidade de cada encontro pontual de forças, numa relação de poder específica e livre. Trata-se de um encontro caótico, um devir sem regularidade, ordem ou causalidade, cuja noção de liberdade torna-se, por tudo isso, fundamental, já que sem liberdade tem-se o arbítrio e o controle. Entretanto, o ser humano tende a negar a liberdade, ou seja, a regularizar um processo que é irregular por natureza, com base na crença de que existem regularidades. São, assim, cunhados conceitos, que visam comunicar identidades, posições cristalizadas, imutáveis, como se as coisas fossem regidas por relações nomológicas, de causa e efeito, processos permanentes e previsíveis. Nietzsche rejeita

qualquer tentativa de conceitualizar a realidade, desconsiderando haver qualquer relação de causa e efeito, qualquer finalidade, qualquer conceito, pois se tratam apenas de invenções humanas, e não uma realidade última das coisas. Para ele, o que existe é o devir das forças, as “mãos de ferro da necessidade, que sacodem o tabuleiro de dados do acaso, jogam seu jogo por um tempo infinito” (NIETZSCHE, 1999c, p. 153-154, grifo do autor). Tal jogo de forças é caótico, pois falta-lhe uma ordem de estrutura e livre, porque se constitui sem qualquer tipo de arbitrariedade e controle racional. “O caráter geral do mundo é, ao contrário, por toda a eternidade, o caos, não no sentido da falta de necessidade, mas da falta de ordem, articulação, forma, beleza, sabedoria, ou como se chamem todos esses humanismos estéticos” (NIETZSCHE, 1999a, p. 183). Qualquer tentativa de reduzir o fluxo caótico e casuístico da necessidade em conceitos é apenas um “instrumental antropomórfico que nos leva a acreditar que há um mundo ordenado, previsível” (BARRENECHEA, 2020, p. 106).

A *Wille zur Macht* não é um ato intencional ou um agir de acordo com a vontade, mas um fluxo imprevisível e caótico que está presente em tudo, que permite haver inúmeras possibilidades e que, em Nietzsche, envolve as noções de natureza, necessidade, acaso, corpo e liberdade. Para a perspectiva nietzschiana compreender a vida é evitar submeter-se ao instrumental antropomórfico, e ser livre para poder afirmar a vida em seu fluxo indeterminado.

Considerações finais: as analogias entre Epicuro e Nietzsche

Realizadas essas considerações sobre o pensamento de Epicuro e Nietzsche, cabe agora refletir sobre os pontos que permitem uma analogia entre o pensamento de ambos no que diz respeito à noção de liberdade.

Um desses pontos diz respeito a relevância dada por ambos ao conhecimento ou esclarecimento do que vem a ser a realidade para, em seguida, pensar sobre o indivíduo livre e autônomo. Pois, em Epicuro, a *physiología* é necessária para que o sábio possa rejeitar as falsas necessidades imaginárias e arbitrárias do senso comum, e se tornar livre para afirmar o seu *êthos*. De maneira similar, em Nietzsche, o esclarecimento sobre a necessidade que rege o fluxo natural do mundo é condição necessária para que o espírito livre possa rejeitar o controle e a arbitrariedade presentes nos discursos populares e, dessa forma, afirmar a si e a vida.

Um outro ponto diz respeito à forma análoga como ambos interpretam a autarcia e a afirmação de si, isto é, a ideia de alguém que basta a si mesmo, que tem a si mesmo

como princípio ou causa de sua ação. Em Epicuro, isso significa que o sábio é autárquico porque tem a si mesmo como próprio sentido e governo de sua ação. Por isso a ação do sábio é prazerosa, já que comunica a realização plena da vida. Em Nietzsche, o espírito livre é autossuficiente na medida em que é livre para criar a partir de si mesmo seus próprios valores e perspectivas sobre o mundo e, conseqüentemente, para afirmar a vida ao se satisfazer apenas com a suas próprias necessidades. Isto é, tanto Epicuro quanto Nietzsche mencionam a importância da autarcia ou autossuficiência no que diz respeito a afirmação da vida.

Outro ponto similar entre ambos é a forma como consideram a moderação dos apetites, de acordo com o conhecimento do *êthos* no caso de Epicuro, e do *Selbst*, no caso de Nietzsche. Para Epicuro, quem vive de acordo com os seus desejos e preceitos, aqueles considerados necessários e naturais, é livre ou sábio entre os humanos. De maneira similar, para Nietzsche, quem vive de acordo com a necessidade caótica e com os seus próprios valores, afastado das imposições externas, é considerado espírito livre. Assim, em ambos, é possível encontrar a atitude de se livrar do senso comum e da influência externa para a conquista da felicidade e da afirmação da vida.

Outro ponto relevante é que em ambos é possível encontrar uma mesma disposição em não considerar a divisão da realidade em esferas ou mundos distintos, como se a esfera do objetivo fosse independente e essencialmente diferente da esfera do subjetivo – para ambos, tudo é corpo. E, se para Epicuro a força dinâmica que fundamenta a interação entre as coisas da realidade corpórea é chamada de *eleuthería*, na medida em que as partículas corpóreas necessitam de liberdade para se unir ou se afastar de acordo com suas afinidades atômicas, em Nietzsche é a *Wille zur Macht*, que mediante a existência de liberdade para afirmar a necessidade, é a força que fundamenta a existência das coisas.

Em suma, em ambos, a noção de liberdade está ligada a possibilidade de dizer sim a vida. Em Epicuro, o sábio encontra-se em um estado de satisfação uma vez que se sente inteiramente conectado à *phýsis* ao agir, possui discernimento necessário para prever situações e evitar o indesejável. Ele é autossuficiente porque se contenta ou se satisfaz de maneira natural com a existência e a vida. Por sua vez, o ignorante ou aquele que não é livre, por não ter o conhecimento necessário sobre a *phýsis* e si mesmo e, conseqüentemente, não tomar a si mesmo como seu próprio sentido e finalidade, acaba por projetar a finalidade da sua vida nos prazeres que extrapolam às necessidades de sua

própria natureza. Como não possui *physiología*, mas *kénon doxái* (opiniões vazias), o ignorante projeta a finalidade prática de sua própria vida para além dela, e age de acordo com aquilo que realmente é desnecessário a si, pois negligencia o seu *êthos*. Ele se engana, sofre, tem dificuldades para viver. O sábio afirma a si mesmo quando age, é imune às valorações que frequentemente dominam o senso comum e a opinião e, por tudo isso, é livre. É exatamente quando o sábio se realiza no exercício de sua sabedoria que se pode compreender o sentido da ética epicúrea. De maneira similar, em Nietzsche, é o espírito livre que é capaz de seguir o fluxo do mundo de acordo com a necessidade natural. Como medida de assepsia, ele se isola do senso comum para não se contaminar com valores baixos e para dizer sim a vida. Quando a vida prática não é desenvolvida de acordo com a *necessidade*, mas de acordo com um cálculo racional, teleológico, valorativo e arbitrário, a liberdade não pode ser reconhecida. São os chamados “espíritos livres” (NIETZSCHE, 1999c, p. 64) aqueles que efetivamente se encontram livres das amarras que impedem o seguimento do próprio fluxo necessário da vida.

Referências Bibliográficas

BARRENECHEA, M. A. *Nietzsche e o corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

BARRENECHEA, M. A. *Uma perspectiva nietzschiana sobre liberdade e necessidade*. **Cadernos Nietzsche**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 100-125, set./dez. 2020. Disponível: <https://doi.org/10.1590/2316-82422020v4103mab>. Acesso em: 03 abr. 2021.

BRUNO, F. Epicuro e os *tetrapharmakon*. **Aprender**: cad. de filosofia e psic. da educação, Vitória da Conquista, v. 1, n. 8, p. 161-170, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3164>. Acesso em: 02 abr. 2021.

BROBJER, T. *Nietzsche's ethics of character: a study of Nietzsche's ethics and its place in the history of moral thinking*. Stockholm: Uppsala University, 1995.

CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia: dos Pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CONCHE, M. *Epicure: lettres et maximes*. Paris: éd. de Mégare, 1977.

DIOGO, J. E. *Epicuro: tranquilidade da prudência*. **Revista filosófica de Coimbra**, Coimbra, v. 26, n. 52, p. 281-290, 13 out. 2017. Disponível em: https://doi.org/10.14195/0872-0851_52_3. Acesso em: 01 abr. 2021.

GIACOIA JUNIOR, O. *O perdão e sua possibilidade na perspectiva da vontade de poder*. **Revista em tempo**, [S.l.], v. 16, n. 01, p. 17-36, fev. 2018. Disponível em: <https://revista.univem.edu.br/emtempo/article/view/2107>. Acesso em: 15 ago. 2021.

LAËRTIOS, D. *Vida e doutrinas dos filósofos ilustres*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

LANDÁZURI, M. C. O. *Vida y felicidad en la ética de Epicuro*. **Cuadernos salmantinos de filosofía**, Salamanca, v. 42, p. 9-25, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.36576/summa.39708>. Acesso em: 01 abr. 2021.

LENGRAND, H. *Épicure et l'épicurisme*. Paris: Bloud & Cie, 1906. (Cience et religion – études pour le temps présent; 389).

MAFFEZZOLLI, M. O. *Eleutheria: a noção de liberdade na ética de Epicuro*. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia,

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16478>. Acesso em: 02 abr. 2021.

MARTON, S. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

MIRANDA, A. S. *A filosofia que liberta: “epicurismo, uma construção atomista”*. **Cadernos cajuína**, Teresina, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2018. Disponível em: <https://cadernoscajuina.pro.br/revistas/index.php/cadcajuina/article/view/194>. Acesso em: 02 abr. 2021.

MÜLLER-LAUTER, W. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. São Paulo: Annablume, 1997. (Coleção E; 6).

NIETZSCHE, F. W. *A gaia ciência* (1881-1882). In: LEBRUN, G. (ed.). *Friedrich Nietzsche: obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999a. p. 171-207. (Os pensadores; 32).

NIETZSCHE, F. W. *Considerações extemporâneas* (1873-1874). In: LEBRUN, G. (ed.). *Friedrich Nietzsche: obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999b. p. 267-300. (Os pensadores; 32).

NIETZSCHE, F. W. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Primeiro volume (1878). In: LEBRUN, G. (ed.). *Friedrich Nietzsche: obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999c. p. 61-100. (Os pensadores; 32).

NIETZSCHE, F. W. *O eterno retorno (A vontade de potência, textos de 1884-1888)*. In: LEBRUN, G. (ed.). *Friedrich Nietzsche: obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999d. p. 443-450. (Os pensadores; 32).

NIETZSCHE, F. W. *O eterno retorno (textos de 1881)*. In: LEBRUN, G. (ed.). *Friedrich Nietzsche: obras incompletas*. São Paulo: Nova Cultural, 1999e. p. 439-442. (Os pensadores; 32).

SALEM, J. *Épicure, lettres*. Paris: Fernand Nathan, 1982.

SANTOS, O. A. R. *Um jardim para os espíritos livres: usos estratégicos do epicurismo na filosofia intermediária de Nietzsche*. **Artefilosofia**, Ouro Preto, v. 7, n. 13, p. 57-70, dez. 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/raf/article/view/560>. Acesso em: 13 abr. 2021.

SILVA, J. B. de L. *O corpo é uma grande razão: liberdade, consciência e natureza em Nietzsche*. **Revista ética e filosofia política**, Juiz de Fora, v. 1, n. 23, p. 199-224, ago. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia/article/view/31480>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SILVA, M. F. *Epicuro: sabedoria e jardim*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal: UFRN, programa de pós graduação em filosofia, 2003.

SPINELLI, M. *Sobre a autodidaxia e a autárquia de Epicuro*. **Revista archai**, Brasília, n. 02, p. 169-182, jan. 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/archai/article/view/1277>. Acesso em: 01 abr. 2021.

STEGMAIER, W. *As linhas fundamentais do pensamento de Nietzsche*. Petrópolis: Vozes, 2013.

TAYLOR, C. C. W. *The atomists, Leucippus and democritus: Fragments: a text and translation with a commentary*. Toronto: University of Toronto Press, 1999. (Phoenix Presocratics; 5)